

# A cidadania de Quincas Berro D'água - o olhar de quem chega e sente o gosto de ficar

Jussara Guedes

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PINHEIRO, DJF., and SILVA, MA., orgs. *Visões imaginárias da cidade da Bahia: diálogos entre a geografia e a literatura* [online]. Salvador: EDUFBA, 2004. 184 p. ISBN 85-232-0339-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## A cidadania de Quincas Berro D'água - o olhar de quem chega e sente o gosto de ficar

*Jussara Guedes<sup>1</sup>*

"O Pelourinho é um desses lugares que é um mundo..."  
*Milton Santos*

Reencontrar a literatura, neste momento, é retomar o prazer em buscar o conhecimento, e o autoconhecimento. Através do mundo da poesia, do conto, da crônica, e até mesmo da catarse, é possível permear o caminho dos signos, das imagens materiais e imateriais. É possível, pois, elaborar uma leitura própria, singular, sem, contudo, descampar para a alienação. Ao contrário, ao construir a própria interpretação da realidade, acontece a contextualização sociopolítica e socioeconômica nas diferentes escalas. Desse modo, a simples absorção do conhecimento não forma cidadãos, sujeitos da própria história, mas autômatos manobráveis pelas sedutoras imagens.

Nesse sentido, aborda-se a questão da cidadania apresentada por Jorge Amado no contexto do Pelourinho, na obra intitulada *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*. Faz-se referência à cidadania de Joaquim Soares da Cunha e de Quincas Berro D'água, a partir do questionamento: o que é cidadania?

A cidadania pode começar por definições abstratas, cabíveis em qualquer tempo e lugar, mas para ser válida, deve ser reclamada. (...) Com o homem do burgo, o burguês, nascia o cidadão, o homem de trabalho livre, vivendo num lugar livre, a cidade. (Santos, 1987: 8,9.)

Desse modo, o enfoque da cidadania de Joaquim e de Quincas é dado por dois ângulos: o primeiro é no contexto do Pelourinho, onde há um conjunto de forças interdependentes no qual se comprimia uma população heterogênea e pobre. O segundo trata da inserção dos atores locais (do Pelourinho) na divisão social do trabalho, o que leva a uma cidadania desigual e estratificada. Na verdade, ambos os aspectos constituem um verdadeiro conjunto, no qual há um processo permanente de mudança.

Quincas representa as contradições do homem e da sociedade, retratadas por Jorge Amado. O seu rompimento com a família é também um rompimento com a sociedade. Ao romper com a estrutura familiar, nega a sua própria estrutura social, isto é, rompe com a estrutura burguesa.

O autor suscita a problemática da identidade popular e do embate que se dá entre o povo e a burguesia. Faz emergir o enfrentamento que se dá de modo velado, no qual o sistema político-econômico adota estratégias pouco éticas, o que vem a se reproduzir na escala das relações sociais ocorridas no lugar, a exemplo do Pelourinho.

Cedo ou tarde segundo os defensores da ordem (a família de Quincas), o cidadão seria reintegrado em sua respeitabilidade. Seria louvada a sua conduta de funcionário da Mesa de Rendas Estadual, de esposo e de pai, de “cidadão”, enfim. Seriam apontadas as suas virtudes às crianças como exemplo.

Jorge Amado chama a atenção da sociedade para a questão do poder institucionalizado, o qual permeia o pensamento e as atitudes dos indivíduos, impregnando-os de um senso que os impede de chegar à reflexão e à análise – o preconceito –, fazendo com que

o mundo seja como é, “povoado de céticos e negativistas, amarrados, como bois na canga, à ordem e à lei, aos procedimentos habituais, ao papel selado.”(p.16). Assim, na sociedade, o indivíduo vale pelo selo que o representa. Isso, entretanto, não dá cidadania ao homem. Quincas -Joaquim é um cidadão?

O fato de ter sido um “homem de bem” e ter optado, depois, por ser um “malandro” subtrai-lhe a condição de cidadão?

Nesse sentido, traça-se um paralelo entre Joaquim e Quincas. O primeiro, funcionário, esposo e pai exemplares, que demonstra falta de “entusiasmo como se aquilo o enfiasse e não lhe sobrasse coragem de dizê-lo.” (p.48). Quanto a Quincas, “relembramos fatos, detalhes e frases capazes de dar-lhe a justa medida. Fora ele quem cuidara, durante mais de vinte dias, do filho de três meses de Benedita...”(p.60).

Nessa perspectiva, o autor apresenta Quincas como um homem que, num determinado momento de sua vida, parte em busca do processo de construção da própria cidadania, numa aventura na qual as conseqüências não são avaliadas. No primeiro momento de sua vida, Quincas foi um homem adequado aos padrões, sem manifestação de vontade própria. No segundo momento, ele demonstra ao mundo não só o desejo de construir a própria identidade, mas o faz exercitando a cidadania na solidariedade aos seus amigos. No entanto, à proporção que Quincas encarna a própria miséria humana, estampa-se a cidadania estratificada.

Assim, percebe-se que o cotidiano é a escala da desalienação, o lugar da descoberta e não somente o recriador da submissão aos mecanismos de manipulação. Na cidade, especialmente no Pelourinho, Jorge Amado demonstra que há a interdependência, a solidariedade e a espontaneidade. O ajustamento efetivo dessas variáveis no lugar oferece a possibilidade da construção da cidadania, a partir de um processo endógeno.

Desse modo, a desalienação proporciona uma apreensão liberta do espaço, e esse, como objeto de estudo da Geografia, tem

na disciplina, “O Espaço Geográfico na Literatura”, a efetiva possibilidade de ser apreendido. Isso ocorre à medida que o conhecimento é construído a partir da leitura de cada um, leitura essa feita sob um olhar carregado de emoção, especialmente o olhar de quem chega e, através da literatura de Jorge Amado, descortina o mundo colonial do Pelourinho e sente o gosto de ficar.

### NOTAS

<sup>1</sup> Mestre pelo Curso de Pós-Graduação em Geografia da UFBA.

### REFERÊNCIAS

AMADO, J. *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*. 67 ed. Rio de Janeiro: Record, 1992. 130 p.

SANTOS, M. *Uma definição da Cidade do Salvador*. Salvador: [s. n.], 1958. Mimeografado.

\_\_\_\_\_. *O centro da Cidade do Salvador: estudo da geografia urbana*. Salvador: Universidade da Bahia, 1959. 196 p.

\_\_\_\_\_. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel, 1987. 142 p.

\_\_\_\_\_. Salvador: centro e centralidade na cidade contemporânea. In: GOMES, M. A. de F. (Org.). *Pelo Pelô: história, cultura e cidade*. Salvador: EDUFBA; Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFBA, 1996.